



De Bom Jardim de Minas a Juiz de Fora: um relato de formação pessoal, acadêmica e profissional

From Bom Jardim de Minas to Juiz de Fora: an account of personal, academic, and professional development

Bruna de Paula Rezende¹

Universidade Federal de Juiz de Fora

RESUMO

Este artigo apresenta um memorial formativo que discute a trajetória pessoal, acadêmica e profissional de uma professora e pesquisadora da área de Educação. A narrativa percorre desde as experiências iniciais na Educação Básica, que despertaram o interesse pelas Ciências, até a atuação docente na rede pública de ensino e a inserção na pós-graduação. Ao longo do texto, são analisados momentos marcantes da formação escolar e universitária, evidenciando desafios relacionados às práticas escolares, às lacunas na formação básica, às dificuldades enfrentadas no Ensino Superior e às exigências do exercício da docência. O artigo também problematiza as condições de trabalho docente, a precarização da infraestrutura escolar e o adoecimento profissional, articulando a experiência vivida com referenciais teóricos da área educacional. Por fim, o memorial evidencia como as vivências na pesquisa acadêmica e na prática pedagógica contribuíram para a construção da identidade docente e para a consolidação de uma postura crítica e reflexiva frente aos processos de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Formação docente; Memorial formativo; Pesquisa em Educação.

ABSTRACT

This article presents a formative memoir that discusses the personal, academic, and professional trajectory of a teacher and researcher in the field of Education. The narrative ranges from initial experiences in Basic Education, which sparked an interest in Science, to teaching in the public school system and entry into postgraduate studies. Throughout the text, significant moments in school and university education are analyzed, highlighting challenges related to school practices, gaps in basic education, difficulties faced in Higher Education, and the demands of teaching. The article also problematizes the working conditions of teachers, the precariousness of school infrastructure, and professional illness, articulating lived experience with theoretical frameworks in the educational field. Finally, the memoir shows how experiences in academic research and pedagogical practice contributed to the construction of teacher identity and the consolidation of a critical and reflective stance towards teaching and learning processes.

Keywords: Teacher training; Formative memoir; Research in Education.

No dia dezessete de maio de mil novecentos e noventa e seis, na cidade de Andrelândia, em Minas Gerais, nasceu uma pequena menina que, com o tempo, se tornaria uma grande mulher: Bruna de Paula Rezende, eu. Embora tenha nascido em Andrelândia, terra natal de

¹ Mestra em Educação e graduada em Licenciatura Plena em Química pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3858-3806>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2593316309115918>. E-mail: bruna.rezende@estudante.ufjf.br.

minha mãe, foi em Bom Jardim de Minas, também localizada em Minas Gerais, que vivi minha infância e adolescência, construindo as bases da pessoa que sou hoje.

Na pré-escola, estudei em uma creche particular e em uma escola municipal: a Creche Pinguinho de Gente e a Escola Municipal Balão Mágico. Lembro de participar com entusiasmo das festas juninas, dos aniversários dos coleguinhas e de adorar brincar no balanço. Desde essa época, sempre fui muito estudiosa, curiosa e cuidadosa com meu material escolar. Recordo, em especial, de uma atividade marcante realizada pelas professoras da creche: elas propuseram uma experiência simples, mas encantadora, na qual deixamos água quente em uma panela tampada para observar o processo de vaporização e a formação de gotículas na tampa.

Ribeiro de Oliveira, da Victória e Salvalaio Moline (2025) consideram que a introdução ao ensino de Ciências na educação infantil é fundamental para iniciar o processo de alfabetização científica com as crianças, desde que se utilize uma linguagem adequada, por meio de interações e brincadeiras lúdicas. Os estudantes, nesta etapa de escolarização, aceitam e assimilam de forma significativa os conhecimentos científicos, favorecendo o desenvolvimento da criticidade, promovendo a participação ativa e os questionamentos. Talvez tenha sido nesse momento, com esta atividade, que nasceu meu interesse pelas Ciências, mesmo sem compreender exatamente o que aquilo significava na época.

Do Ensino Fundamental, guardo poucas lembranças, mas duas delas me marcaram profundamente. Como mencionei anteriormente, sempre fui muito estudiosa e costumava tirar boas notas na escola, tanto que, ao longo de toda a minha trajetória escolar, nunca tive uma nota vermelha no boletim. No entanto, no quinto ano, enfrentei um momento diferente: tirei minha primeira nota baixa em uma prova de Matemática. A avaliação valia em torno de sete ou oito pontos, e eu obtive apenas um e meio. Lembro claramente de como essa nota me deixou chateada.

Naquele mesmo período, minha avó paterna estava muito doente. Em meio a essa fase difícil, veio a segunda prova de Matemática - a chance que eu precisava para recuperar a média e evitar a tão temida “nota vermelha”, que é como chamávamos as notas inferiores à média necessária para a aprovação. E assim foi: consegui tirar uma boa nota, o suficiente para manter meu boletim “azul”.

Ao escrever este memorial, em meio à emoção, percebo o quanto aquela nota - por mais insignificante que fosse para algumas pessoas - marcou minha trajetória de forma profunda, ao

ponto de, dezenove anos depois, eu ainda me lembrar. Aproveito este episódio para refletir sobre o quanto a ideia de associar o aprendizado exclusivamente a boas notas ainda está enraizada em nossas escolas e na sociedade em geral. Hoje, me questiono: aquela nota ruim na prova foi realmente resultado de uma lacuna no meu aprendizado ou teria sido uma consequência de todos os sentimentos e medos que me atravessavam naquele momento da vida?

Assim como Gil (2020), acredito que as notas escolares correspondem a meios de controle do trabalho e do comportamento dos alunos, podendo também ser utilizadas como forma de comunicação às famílias sobre os processos de ensino e aprendizagem dos discentes. As notas são o aspecto mais visível da avaliação escolar e representam a codificação de um conjunto bastante disperso e variado de processos avaliativos que ocorrem no cotidiano da escola, os quais precisam ser repensados pelos agentes da educação. O processo de aprendizado de cada estudante deveria ser valorizado em detrimento das avaliações quantitativas (notas), mas, infelizmente, essa não é a realidade observada na maioria das instituições de ensino.

Retornando à importância do Ensino de Ciências, guardo uma recordação do nono ano do Ensino Fundamental, lembro do quanto adorava as aulas de Ciências. Na ocasião, a professora dividia o conteúdo entre introduções aos temas de Física e Química. Diferente da maioria dos meus colegas, eu era aquela estudante que amava essas aulas, especialmente as voltadas para a Química. Adorava calcular massa atômica, classificar as transformações em químicas ou físicas e conhecer cada elemento da tabela periódica. Foi nesse ano que tive a certeza: eu cursaria o ensino superior em Química.

Os anos foram se passando e, durante todo o Ensino Médio, mantive firme a decisão de cursar Química. Estava cada vez mais apaixonada pelos conteúdos estudados nessa etapa da escolaridade. Sempre contei com o incentivo dos meus pais para continuar meus estudos, o que foi fundamental para minha dedicação. Com isso, iniciei meu percurso de preparação para as avaliações do Programa de Ingresso Seletivo Misto (PISM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), além de participar dos processos seletivos da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Também prestei o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) durante os três anos do Ensino Médio, utilizando os dois primeiros como forma de treinamento.

No primeiro ano em que faria a prova da Universidade Federal de Viçosa, por questões de saúde, não pude participar. Assim, realizei apenas as avaliações da UFJF e da UFSJ. Lembro

que, no último ano do PISM (Módulo III), eu não queria participar, por acreditar que minhas chances de conseguir uma vaga no curso de Química eram mínimas. Apesar de todo o meu esforço na escola e nos estudos em casa, eu sentia que minha base ainda não era suficientemente sólida. Mesmo assim, enfrentei a insegurança e decidi fazer a prova.

Um episódio curioso e marcante dessa etapa ocorreu nesse último módulo do PISM. De acordo com o edital, não era permitido zerar nenhuma questão objetiva sob pena de eliminação do processo. Ao consultar o resultado, constatei que obtive apenas quatro décimos de pontos em Física, pontuação mínima, mas suficiente para assegurar minha continuidade no Programa. Posteriormente, ao compartilhar essa experiência na disciplina de Narrativas, percebi que outros colegas também haviam vivenciado situações semelhantes. Esse reconhecimento coletivo evidencia que tais acontecimentos não se restringem a histórias pessoais isoladas, mas revelam experiências comuns que, ao serem narradas, constroem sentidos compartilhados e fortalecem a compreensão do grupo sobre sua própria trajetória acadêmica (Bolívar; Domingo; Fernández, 2001).

Como as provas do PISM eram realizadas em Juiz de Fora, a cada etapa, eu junto a dezenas de estudantes do Ensino Médio nos deslocávamos de Bom Jardim de Minas até Juiz de Fora com o objetivo de participar das avaliações. íamos em um ônibus disponibilizado pela prefeitura. As provas ocorriam no final de semana e a distância entre as cidades é de, aproximadamente, duas horas, fazíamos um verdadeiro “bate-volta” em ambos os dias: ida pela manhã e retorno ao final da tarde.

Concluí o Ensino Médio em dezembro de 2013 e, com ele, iniciava uma nova etapa da minha vida marcada por novas oportunidades, desafios e descobertas. Diante da incerteza sobre ser aprovada em um curso de graduação, cogitei a possibilidade de fazer um curso técnico. Em janeiro de 2014, prestei uma prova para concorrer a uma bolsa ou desconto no curso Técnico em Química, oferecido pelo Colégio Politécnico Pio XII, em Juiz de Fora. Em fevereiro daquele ano, mudei-me para Juiz de Fora, deixando minha família em minha cidade, determinada a correr atrás de uma parte dos meus sonhos. Iniciei, então, o curso técnico.

Apesar de sempre dizer que não queria me mudar para Juiz de Fora (afinal, durante a adolescência, eu vinha à cidade apenas para consultas médicas), ali estava eu, começando uma nova etapa da minha formação pessoal: aprender a morar sozinha.

Para minha surpresa, em março, saiu o resultado do PISM e lá estava o meu nome: havia sido aprovada para a graduação em Química da UFJF. Naquele exato momento, estava prestes a iniciar um caminho longo, repleto de desafios, dúvidas, choros e também muitas alegrias.

Realizei minha matrícula no curso de graduação e, com ela, uma nova jornada. Paralelamente, também comecei o primeiro semestre do curso Técnico em Química. No entanto, logo me deparei com grandes dificuldades para acompanhar os estudos e me preparar adequadamente para as provas da faculdade, o que comprometeu meu desempenho acadêmico. Nesse primeiro período da graduação, fui aprovada apenas nas disciplinas de Química Fundamental e Introdução à Química, esta última exigia apenas a presença em aula.

Grande parte da minha dificuldade durante a graduação esteve concentrada na disciplina de Cálculo I, a qual precisei cursar três vezes até conseguir a aprovação. Acredito que essa dificuldade esteja relacionada à base insuficiente que tive no Ensino Básico, somada à grande quantidade de conteúdos abordados na disciplina e à escassa retomada de assuntos fundamentais, que serviriam de alicerce para os novos aprendizados. Além disso, percebi que alguns professores, não apenas os da área de cálculo, partem do pressuposto de que, por estarmos na universidade, os conteúdos da Educação Básica e os diferentes gêneros de ensino já foram devidamente assimilados nas etapas anteriores de escolarização, o que nem sempre corresponde à realidade de todos os alunos.

Marinho (2010, p. 383) argumenta que “o simples fato de o aluno ter sido aprovado no vestibular de uma boa universidade não garante que ele tenha familiaridade com os gêneros que lhe serão apresentados nas práticas acadêmicas”. Assim, o ingresso no Ensino Superior não assegura, por si só, que o estudante consiga atender de imediato a todas as exigências desse novo contexto.

Durante o segundo período da graduação, decidi me desligar do curso Técnico em Química para me dedicar exclusivamente à faculdade. Ainda assim, mantive o desejo de, um dia, retomar e concluir o técnico². Na graduação, tive mais facilidade com as disciplinas da formação em Química, o que, de certo modo, me motivava a seguir em frente, mesmo diante das dificuldades. Ao longo dessa trajetória, entre aprovações e reprovações, lágrimas e alegrias,

² Voltei ao curso no segundo semestre de 2016 para cursar os dois semestres que faltavam e concluí minha formação em julho de 2017.

saudades de casa e da família, houve momentos em que acreditei que não conseguiria concluir o curso. No entanto, após longos anos de esforço e persistência, alcancei essa conquista.

No decorrer desse processo, também participei de três projetos de Iniciação Científica por quase dois anos, o que contribuiu significativamente para a minha formação acadêmica e profissional. Nesse período, escrevi meu primeiro artigo, publiquei meu primeiro capítulo de livro e participei de eventos da área, apresentando trabalhos e ampliando minha vivência no meio científico.

Nessa mesma época, o mundo enfrentava a pandemia de COVID-19, marcada pelo medo de sair de casa e pelas incertezas do Ensino Remoto Emergencial. Todo o meu processo de Iniciação Científica foi realizado de forma online, mas considero que minha aprendizagem foi tão significativa quanto teria sido no formato presencial. A pandemia, no entanto, impactou diretamente minha trajetória. Minha formatura foi adiada em um ano devido à obrigatoriedade de cursar duas disciplinas práticas, que, apesar dos meus esforços, não foram autorizadas a serem ofertadas remotamente. Esse atraso comprometeu diretamente meus planos acadêmicos e profissionais. Somente em fevereiro de 2022, após cursar as disciplinas práticas de forma intensiva e solicitar a colação de grau antecipada, consegui finalmente concluir a Graduação em Licenciatura em Química.

Destaco que, ao me matricular no curso de Química, minha intenção inicial era seguir o Bacharelado. No entanto, ao cursar uma disciplina da área de Educação, fui despertada por um interesse genuíno e decidi, de forma definitiva, optar pela Licenciatura. Na verdade, acredito que sempre desejei seguir esse caminho, mas, influenciada por comentários recorrentes sobre a desvalorização e as dificuldades enfrentadas na profissão docente, tentei me afastar desta escolha. Ainda assim, ao ter contato mais direto com a área da Educação, percebi que era ali que eu realmente me encontrava.

Considero que, para a profissão docente ser devidamente valorizada nos dias atuais, é primordial, antes de tudo, que a própria sociedade reconheça sua relevância. Trata-se de uma profissão que ainda enfrenta a falta de infraestrutura adequada para o trabalho, bem como a desvalorização da carreira.

Nesse contexto, foi no ano de 2021, como autorizada pela Secretaria de Educação a ministrar aulas de Química, que iniciei minha trajetória profissional na Educação. Comecei com duas aulas em uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em formato remoto, na

escola onde cursei o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. A partir desse momento, passei a atuar continuamente como contratada na rede estadual de ensino, exercendo tanto a função de professora quanto, posteriormente, a de supervisora pedagógica. Para assumir o cargo de supervisora, ampliei minha formação e, assim que finalizei a graduação, ingressei em um curso de especialização em Gestão Escolar, o que me permitiu compreender melhor os processos administrativos da escola, além de fortalecer minha atuação como educadora.

Apesar da minha primeira experiência ter contribuído de forma significativa para minha formação, foi em fevereiro de 2022 – apenas seis dias após a minha formatura – que assumi, de fato, meu primeiro cargo como professora contratada pelo Estado de Minas Gerais. Esse momento marcou oficialmente minha entrada no exercício pleno da docência. No entanto, junto com essa conquista, vieram também as primeiras frustrações com o “Ser Docente”.

Enfrentei desafios que vão muito além do planejamento de aulas ou do domínio do conteúdo: lidei com a falta de infraestrutura escolar, com a desmotivação de alguns alunos, com a ausência de apoio em determinadas situações e com as dificuldades de ser uma professora iniciante, ainda em processo de construção da própria identidade profissional. Essas vivências me fizeram enxergar a complexidade da profissão docente e a necessidade constante de resiliência, escuta, adaptação e aprendizagem.

Ao final daquele ano letivo, ouvi de alguns colegas frases que me marcaram profundamente, como: “Achei que você não ia conseguir” e “Se você conseguiu ficar aqui, consegue ir para qualquer outra escola”. Embora carregassem um tom de surpresa, essas falas refletiam, de certo modo, o meu esforço e a superação dos desafios enfrentados. Foram palavras que reafirmaram minha força e me mostraram que, mesmo diante das adversidades, eu havia resistido e crescido.

Acredito que parte dessas percepções também estejam relacionadas a algumas das minhas características físicas. Sou uma pessoa de estatura baixa e, apesar de ter a idade, a maturidade e a formação necessárias para estar onde estou, muitas vezes aparento ser mais jovem do que sou. Frequentemente sou vista como “meiga” ou “fofa”, adjetivos que, embora não sejam ofensivos, podem reforçar uma imagem de fragilidade ou inexperiência aos olhos de outros. Tanto que, até hoje, ao chegar em uma nova escola, quase sempre me perguntam quantos anos eu tenho, sejam alunos, professores ou até mesmo pais de alunos.

Neste mesmo ano, 2022, também participei do processo seletivo para o Mestrado em Educação da UFJF e fui aprovada. No segundo semestre, iniciava uma nova etapa da minha formação acadêmica e profissional, um marco importante que representou a continuidade da minha qualificação em um novo nível de aprofundamento.

O desejo de cursar o mestrado surgiu, principalmente, das aprendizagens e oportunidades vividas durante a Iniciação Científica, que despertaram meu interesse pela pesquisa e pelo campo acadêmico. Desde então, venho me dedicando ao estudo dos Livros Didáticos e suas potencialidades e limitações para o Ensino de Química. Essa fase ampliou meu entendimento sobre os processos de ensino e aprendizagem, fortalecendo minha atuação como educadora e proporcionando uma reflexão crítica e transformadora da minha prática docente.

Em maio de 2024, defendi minha dissertação e alcancei o título de Mestra em Educação. Ainda naquele ano, decidi me desafiar mais uma vez e dar continuidade à minha formação acadêmica: participei da seleção para o Doutorado em Educação e fui aprovada.

No entanto, o primeiro semestre do curso foi marcado por intensos questionamentos sobre meu percurso e minhas escolhas. Perguntas como “Será que fiz a escolha certa?” tornaram-se frequentes em meus pensamentos. Foi um período desafiador, de incertezas e exigências, mas também de amadurecimento e autoconhecimento. Acredito que esses sentimentos tenham sido intensificados pelo curto intervalo entre a defesa do mestrado e o início do doutorado, uma transição rápida que pouco me permitiu assimilar o encerramento de uma etapa antes de iniciar outra.

Além disso, nesse mesmo período, enfrentei um novo desafio profissional: pela primeira vez, atuei como professora de uma turma do quarto ano do Ensino Fundamental em uma escola de Tempo Integral. A experiência foi extremamente exigente e, em muitos momentos, estressante. Lidar com o ritmo, as demandas e a dinâmica de trabalho com crianças me tirou da zona de conforto e exigiu de mim habilidades diferentes das que vinha desenvolvendo até então. Foi um momento de muito desgaste, mas também de aprendizagem.

Minha experiência como professora de crianças foi, ao mesmo tempo, profunda e, em muitos momentos, desesperadora. Eu ministrava três aulas semanais de práticas experimentais para uma turma composta por crianças de oito a dez anos de idade. No início do ano letivo, durante os dois primeiros bimestres, senti que estava conseguindo desenvolver um bom

trabalho: os alunos me respeitavam, participavam das aulas e realizavam as atividades propostas com interesse.

Contudo, a partir de agosto, houve uma mudança drástica no comportamento da turma. Cada ida à escola passou a ser marcada por momentos de tensão, ansiedade e insegurança. As aulas deixaram de fluir como antes; os alunos já não demonstravam interesse, recusavam-se a participar das atividades e, frequentemente, desrespeitavam regras básicas de convivência. Importante destacar que esse processo de desgaste não ocorreu apenas comigo, outros professores também relataram dificuldades semelhantes com a mesma turma. Apesar das diversas reclamações feitas à vice-direção, nenhuma medida efetiva foi tomada. Diante desse cenário e das limitações emocionais que se impunham, optei por fazer o que fosse possível dentro das minhas condições naquele momento. Ainda assim, passei por um processo de adoecimento docente. Hoje, considero que essa experiência, com essa turma em específico, foi a mais difícil da minha trajetória até o momento, e deixou em mim marcas profundas.

O adoecimento docente é mais comum do que se imagina, sobretudo quando associado à trajetória de vida e ao contexto enfrentado pelo professor. Diversos fatores podem contribuir para esse processo, entre eles: (i) jornada de trabalho prolongada em função das múltiplas atividades assumidas; (ii) estilo de gestão adotado pela instituição; (iii) falta de autonomia, considerando que, muitas vezes, são priorizados aspectos quantitativos, como índices de aprovação e evasão; (iv) ausência de envolvimento familiar no processo de ensino e aprendizagem da criança ou do adolescente; (v) sobrecarga com demandas que extrapolam a função docente; (vi) falta de interesse dos alunos, que, recorrentemente, gera problemas de indisciplina; (vii) precariedade de recursos e das condições físicas da escola, dentre outros (Souza, 2018).

No caso relatado, ao questionar a gestão da escola, fui informada de que não havia ocorrido nenhuma reunião com os responsáveis dos estudantes para discutir e esclarecer o funcionamento do Ensino Fundamental em Tempo Integral. Além disso, a falta de apoio por parte da gestão era recorrente: nenhuma medida era adotada diante das reclamações apresentadas pelos professores e, pelo contrário, a responsabilidade por toda a indisciplina era constantemente atribuída aos docentes.

Ainda relacionado ao ensino em Tempo Integral, destaco que, até o momento desta escrita, tive apenas uma breve experiência de dois meses como professora de Química. Todas

as demais experiências profissionais que vivi na Educação Básica foram relacionadas a ministrar aulas das Atividades Integradoras, que compõem o currículo das escolas de Ensino Médio e Fundamental em Tempo Integral.

Durante esse período de docência, vivenciei uma série de dificuldades estruturais e pedagógicas que revelam os inúmeros desafios enfrentados por esse modelo de ensino. Convivi com a precariedade da infraestrutura escolar; com o descontentamento dos estudantes por permanecerem longas horas na escola; com a inexistência de espaços adequados para a realização das atividades, especialmente as que exigem laboratórios de Ciências ou salas de Informática; com a falta de preparo e de conhecimento específico por parte de muitos docentes; com a ausência de uma formação continuada que dê suporte tanto aos professores quanto às equipes gestoras. Some-se a isso a pressão constante exercida pelas Superintendências de Ensino, que frequentemente se distancia da realidade concreta das escolas.

Todos esses fatores impactam diretamente a dinâmica da comunidade escolar e comprometem significativamente o processo de ensino e aprendizagem. A vivência nesse contexto tem me levado a refletir profundamente sobre a urgência de políticas públicas mais sensíveis, investimentos estruturais e a valorização efetiva dos profissionais da educação.

Hoje, tenho certeza de que estou no lugar certo e me sinto realizada com as escolhas que fiz. Ao longo das experiências que vivi em sala de aula e nas funções de supervisão, o contato com os alunos, a convivência no ambiente escolar e os desafios cotidianos da docência despertaram em mim um profundo sentimento de pertencimento e propósito.

Mesmo diante das inúmeras dificuldades que marcam a profissão, como a falta de valorização, a sobrecarga de trabalho e as fragilidades estruturais das escolas públicas, percebi que ensinar, apoiar e, às vezes, simplesmente ver o sorriso de um estudante são gestos que me motivam, me fortalecem e me transformam. A Educação, apesar de tudo, continua sendo o espaço onde quero estar e onde acredito poder fazer diferença.

Cada experiência com os estudantes, cada atividade planejada e cada aula ministrada contribuíram para minha formação não apenas como professora, mas também como pessoa. Com o tempo, comprehendi que ser docente vai muito além de transmitir conteúdos: é também inspirar, aprender continuamente, adaptar-se às realidades diversas e construir conhecimento de forma coletiva. Essa vivência consolidou minha escolha pela Licenciatura e me fez entender que, apesar dos obstáculos, é possível exercer a docência com compromisso e significado.

REFERÊNCIAS

BOLÍVAR, Antonio; DOMINGO, Jesús, FERNÁNDEZ, Manuel. Las narrativas biográficas. **La investigación biográfico-narrativa en educación:** enfoque y metodología. Madrid: La muralla S. A, 2001.

GIL, Natália de Lacerda. Avaliação escolar: uma contribuição sócio-histórica para o estudo da atribuição de notas. **Cadernos de História da Educação**, v. 19, n. 3, p. 923–941, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/56866>. Acesso em: 20 ago. 2025.

MARINHO, Marildes. A escrita nas práticas de letramento acadêmico. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 363-386, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbla/article/view/27271>. Acesso em: 21 ago. 2025.

RIBEIRO DE OLIVEIRA, Sirlene; DA VICTÓRIA, Jacquesmara; SALVALAIO MULINE, Leonardo. A Importância do Ensino de Ciências na Educação Infantil. **Revista Eletrônica Sala de Aula em Foco**, v. 10, n. 2, p. 12, 2022. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/saladeaula/article/view/1036>. Acesso em: 25 ago. 2025.

SOUZA, Farney Vinícius Pinto. Adoecimento mental e o trabalho do professor: um estudo de caso na rede pública de ensino. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 21, n. 2, p. 103–117, 2018. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cpst/article/view/146374>. Acesso em: 20 ago. 2025.

HISTÓRICO

Submetido: 10 de dezembro de 2025.

Aprovado: 15 de dezembro de 2025.

Publicado: 31 de dezembro de 2025.